

O GÊNERO EPISTOLAR E A VIDA COTIDIANA NO EGITO ANTIGO: CONTRIBUIÇÕES DE CIRO FLAMARION CARDOSO E YAROSLAV CERNY*

Margaret Marchiori Bakos**

Resumo:

*Um dos mais importantes trabalhos de Ciro Flamarion Cardoso, professor de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi sua tese intitulada **Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo**. O presente artigo, além de situar essa tese e analisar sua metodologia, ainda revela seu pioneirismo ao escolher tal corpus documental constituído por “escritas de si”. As fontes e a análise de Ciro são valorizadas, de forma indireta, à luz de textos da lavra de Jaroslav Cerny (1898-1970). O artigo relata também a descoberta feita por Cerny de um grafite de um escriba. A partir desse achado, o autor descobriu, traduziu e transliterou dezenas de outros documentos e construiu a genealogia e o contexto de vida de Dhutmose, escriba do período de Ramsés XI (± 1085-1070 a. C.). Tais feitos tornaram Jaroslav Cerny um dos maiores egiptólogos da modernidade, mentor supremo dos estudos de epistolografia do Egito Antigo.*

Palavras-chave: *Egiptologia; Deir El Medina; Jaroslav Cerny; epistolografia; Ciro Flamarion Cardoso.*

THE EPISTOLAR GENRE AND DAILY LIFE IN ANCIENT EGYPT: CONTRIBUTIONS OF CIRO FLAMARION CARDOSO AND JAROSLAV CERNY

Abstract: *One of the most important works of Ciro Flamarion Cardoso, professor of Ancient History of the Universidade Federal Fluminense (UFF), was his thesis entitled **Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo**. The present paper, besides situating this thesis and analyzing his*

* Recebido em 19/01/2015 e aceito em 09/03/2015.

** Prof^a. Dr^a. da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista de produtividade do CNPq.

methodology, reveals his pioneership in choosing that documental corpus, constituted by self-writings. The documents and Ciro's analysis are supported by the texts of Jaroslav Cerny (1898-1970). This article also reports the graffiti made by a scribe, discovered by Cerny. Through this graffiti, the author discovered, translated and transliterated several other documents, and built the genealogy and the life context of Dhutmose, a scribe of the period of Ramesses XI (± 1085-1070 b.C.). Such findings turned Jaroslav Cerny into one of the most important egyptologists of modern times, an expert on epistolography of Ancient Egypt.

Keywords: *Egyptology; Deir El Medina; Jaroslav Cerny; epistolography; Ciro Flamarion Cardoso.*

Neste artigo, darei destaque a uma das teses que Ciro Flamarion produziu e que, acredito, marca sua presença na historiografia brasileira sobre o antigo Egito neste país. A ideia me veio ao escrever um capítulo em uma belíssima publicação¹ organizada por colegas saudosos de Ciro Flamarion Cardoso, que rumou, em 2013, involuntariamente, em barca semelhante à de Caronte, o barqueiro de Homero, seguindo o caminho das almas recém-chegadas ao mundo dos mortos. Na ocasião, escolhi a pesquisa que ele apresentou no concurso para professor titular de História Antiga e Medieval da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1993. À época, eu desconhecia a importância desse tema, que só me foi revelada quando me aprofundei nos estudos sobre Yaroslav Cerny (1898-1970), o grande egiptólogo da República Tcheca.

O primeiro elo entre eles é que os dois cultivaram um apreço para com as “escritas de si”. Como se sabe, elas consistem em bilhetinhos, cartas, autobiografias e toda sorte de registros próprios que as pessoas escrevem ao longo de suas vidas. Nas origens, esses escritos de um passado distante – como escritos do Egito, da Grécia e de Roma – foram incluídos em um gênero chamado de epistolografia.² Configuram, de um modo geral, trabalhos de muita erudição, uma vez que as fontes costumam estar escritas em sua linguagem original.

Quando se trata do exame de uma epistolografia oriunda da Antiguidade, cabe, primeiramente, de acordo com os conhecedores das línguas grega e latina, distinguir as cartas literárias daquelas não literárias. Estas últimas, de caráter particular, servem apenas à correspondência momentânea. Nas cartas literárias de cunho artístico, denominadas por Deissmann (*apud* IZIDRO, 2011) de “Epístolas”, a estrutura de carta é apenas aparen-

te, servindo de mera moldura discursiva para a apresentação de tratados. O que é preciso mostrar, portanto, é o grande conhecimento do escriba sobre um determinado tema e/ou hábito social. A historiografia do antigo Egito localizou um único perfeito exemplar de texto literário epistolar, datado da XIX dinastia, que foi intitulado pelos estudiosos de “Carta polêmica”.³

As cartas que Cerny e Cardoso estudaram são de caráter particular e, a meu ver, extremamente interessantes porque tratam da vida cotidiana das pessoas naqueles tempos remotos. Com base em dois acervos – as cartas de Hekanakht e as missivas trocadas entre os membros de uma família de escribas de Deir El Medina, achadas, traduzidas e transliteradas por Cerny –, formei uma meada documental/histórica para puxar o fio condutor deste texto. O elo de união entre eles é a minha descoberta: Cerny considerava a documentação usada por Ciro Flamarion – os sete papiros de Hekanakht – um dos mais valiosos acervos disponíveis sobre o Médio Egito, um período de escassas fontes narrativas. Eis o meu tributo a dois dos meus mais caros referenciais da história teórica e empírica do antigo Egito, aos quais tive acesso desde minha formação em Egíptologia, em 1989, no University College London.

Dessa forma, este artigo pretende fazer uma contribuição à história da historiografia sobre o Egito antigo e o gênero epistolar, e será dividido em três momentos: a visão de Cerny sobre o significado do gênero epistolar à historiografia do antigo Egito; a exposição e análise de Cardoso sobre as “escritas de si” e a história do antigo Egito, através da tradução, transliteração e análise histórica dos sete papiros de Hekanakht, datados do início do Reino Médio (cerca de XXI a.C.); e a descoberta fabulosa feita por Cerny de um grafite que faz a cronologia da família de Dhutmose. Esta pessoa é uma personagem única na história do Egito e dos escribas egípcios, em especial pela consciência que demonstrou de sua própria insignificância de um lado, e, de outro, pelo desejo de perpetuar sua existência miserável como ser humano, buscando através do registro histórico garantir sua permanência. Vemos uma nesga da historicidade – consciência de estar aqui – que é surpreendente naqueles tempos.

Como foi dito, talvez cause estranheza chamar um egíptólogo estrangeiro para valorizar o trabalho de um brasileiro. Isso se deve à pobreza das investigações teóricas neste país no que tange às pesquisas aqui realizadas, que mais pertencem, de longa data, às academias e aos círculos especializados e estrangeiros, distantes do nosso mundo americano. Esse contexto

torna, de certa forma, natural que os pesquisadores brasileiros cite nas suas monografias autores clássicos publicados em línguas estrangeiras, pois ignoram e/ou desconhecem pesquisas que são feitas em outras universidades sobre o tema deles.⁴

Se estou valorizando aqui a Ciro Flamarion Cardoso como o primeiro a usar as “escritas de si” no Brasil, devo indicar também que foi de fato Yaroslav Cerny o primeiro a atribuir grande importância aos documentos de natureza privada à história do Egito. Nesse intento, Cerny foi o primeiro também que buscou entender o que significavam os documentos privados para os antigos egípcios. Generosamente, o estudioso conta que, felizmente, uma resposta para isso foi dada pelos próprios egípcios, pelo uso de dois tipos de escrita.

Os hieróglifos ornamentais eram acima de tudo destinados a serem usados em lugares acessíveis para os olhos do público em geral desde que fosse letrado. Isto era a teoria, embora se soubesse, na prática, que certas paredes nos templos eram acessíveis somente a poucos, e quartos secretos nas tumbas para uma só pessoa, a saber, o próprio morto. Textos em hierático escritos em papiros, couro, tábuas de madeira e/ou óstracas eram reservados para uma pessoa, seja o escritor mesmo ou para ajudar sua memória e, ainda, como comunicação para outro receptor ou no máximo para um pequeno grupo de receptores, não certamente para uma leitura cuidadosa. Havia, certamente, ocasionais sobreposições, quando hieróglifos eram usados para escrever textos em papiros, ou quando textos em hierático eram selecionados para serem esculpidos na pedra, mas ambos os casos eram raros. (BAKOS, 2012, p. 34)⁵

Outra categoria de textos separada era formada por trabalhos literários de qualquer caráter, os quais eram escritos em papiro ou em hierático e contavam, possivelmente, com um grande círculo de leitores. Os egípcios foram o primeiro povo da Antiguidade, diz Cerny, cuja história teve que ser escrita praticamente a partir de rabiscos por eruditos, enquanto historiadores da Grécia, Roma e dos hebreus contaram com considerável número de literatura histórica.

A única história do Egito em uma linguagem clássica foi escrita por Mâneton, que tinha competência para isso por ter acesso a fontes nativas.

Nas palavras de Cerny (1967, p. 9), isso nos chegou como “um magro e corrupto” extrato, consistindo de pouco mais de uma lista de dinastias reais, algumas com nomes de seus reis e dos seus reinados individuais. Champollion adotou a lista de Mâneton sem muita hesitação, a ponto de até hoje a usarmos para fazer uma cronologia do Egito faraônico. A lista de Mâneton é considerada uma história oficial porque foi encomendada pelo próprio rei Ptolomeu II (285-246 a.C.), para informar aos gregos a história do povo que dominavam. Cerny usa uma linguagem metafórica quando diz que “A carne para este esqueleto foi coletada nos monumentos e tornada legível por Champollion!”.

Assim, para Cerny, muitas contribuições de documentos privados foram da maior importância para essa história inicial, como: os anais de Tutmosis III sobre suas expedições na Ásia, escritos nas paredes do Templo de Karnak; a estela do rei Pianky da Etiópia, relativa à conquista do Egito; e duas estelas de Kamose narrando sua campanha contra os hicsos. Além dessas fontes, há inúmeras inscrições laudatórias e pseudolaudatórias que contêm fatos incompletos.

Segundo o sábio, existem três defeitos nas fontes relativas a documentos privados que devem ser apontados *a priori*:

- 1 – sua relativa escassez. Ainda que muitos documentos, escritos, muitas vezes, em materiais frágeis, isto é, papiros, tenham sobrevivido ao clima seco maravilhoso do Egito, o que temos hoje é um mínimo do que foi produzido;
- 2 – geralmente eram datados com o ano sem a especificação do rei, pois obviamente sabiam isso;
- 3 – o assunto era familiar ao emissor e receptor, o que, normalmente, dá pouca clareza para ser entendido por outros e posteriormente.

Alguns desses textos são preciosos, ensina Cerny, quando contêm dados de natureza astronômica. Por exemplo, o diário guardado pelo escriba de um templo registrando qualquer coisa de interesse que tenha acontecido no seu templo de Illahun, no ano 7 de Sesóstris III, preservou o terceiro nascimento zodiacal que fixou definitivamente a cronologia do Reino Médio. Sob a data do 3º mês da estação de inverno, dia 25, ele copiou a seguinte carta:

[...] supervisor do templo Nubkaure fala para seu primeiro sacerdote leitor Pepihotpe: Tome nota que o nascimento de Sirius aconteceu no 4º mês da estação do inverno, dia 16. Informe isto para os sacerdotes-hora do templo de (a cidade), “Sesóstris é poderoso”, do “Anubis sob sua montanha” e de Sobek, e faça esta carta ser copiada no diário do templo”. (CARDOSO, 1993, p. 107)

Com esses dados, os egiptólogos conseguiram fixar o reino de Sesóstris III em 1871 a.C. É relevante mencionar que o mais importante dessas listas, o “Canon real de Turim”, foi preservado graças ao interesse de um escriba desconhecido que o copiou no verso de uma lista de contas. Sobre os documentos mais importantes do Médio Reino, Cerny é enfático ao afirmar que se encontram nos sete papiros relativos ao escriba Hekanakht. O pesquisador, em 1963, avisa aos leitores que esses sete papiros já estão sendo traduzidos e transliterados pelo seu colega T. G. James.

Neste segundo momento, deixo de lado Yaroslav Cerny e retorno a Ciro Flamarion Cardoso. Ao registrar seu estudo sobre Hekanakht, foi importante a consulta à tradução de T. G. James, pois ele pôde constatar que havia um avanço no conhecimento da língua egípcia, o que o beneficiou muito.

Segundo o especialista brasileiro, a tradução de T. G. H. James foi feita antes da difusão dos estudos sintáticos aprofundados a que ele referiu. Assim, a tradução do pesquisador inglês aparece segmentada em unidades bem mais curtas, raramente formando frases de maiores dimensões em um único bloco. (BAKOS, 2012, p. 88)

A hipótese principal que fundamentou a tradução dos textos baseia-se, pois, nesses estudos recentes, como ele assim sintetiza:

(...) é a distinção fundamental, em cada bloco de proposições, entre a cláusula inicial (sentença independente ou principal) – que nem sempre, porém, vem no início, podendo ocorrer extraposições frontais de outros elementos, antecipando-os –, que é só; e as cláusulas não iniciais (sentenças dependentes), que quase sempre podem ser reunidas em dois tipos básicos: as “continuativas”, mais centrais semanticamente; e as “subordinadas” propriamente ditas.

De acordo com Cardoso, a adoção dessa hipótese explica a diferença, por exemplo, entre a sua tradução e a do publicador (T. G. H. James), em

1962, do arquivo de Hekanakht, dos sintáticos aprofundados a que ele referiu. Essa segunda tese é bem diferente daquela apresentada em 1987 (CARDOSO, 1987). A primeira foi uma análise de quase três mil anos de história econômica do antigo Egito. Seis anos depois, o autor centra seu estudo em uma única série documental. Assim, o interesse de Cardoso deslocou-se do estudo de uma história agrária para a compreensão do social, indo em busca da família, da casa e da relação público-privada nos textos de Hekanakht – *os sete papiros de Hekanakht* – datados do início do Reino Médio (cerca de XXI a.C.).

O trabalho do pesquisador divide-se em duas partes, denominadas respectivamente de *entendendo o texto e o contexto*, e *entendendo Hekanakht*. A primeira ocupa-se da tradução e transliteração dos textos em hieróglifos, enquanto a segunda consiste no uso dessas fontes para esclarecer aspectos da história social e econômica do Egito faraônico. Por essas escolhas, Cardoso antecipa, em quase uma década, as ideias expressas pelo egiptólogo francês Pierre Grandet. Este, em Colóquio Internacional em Paris, intitulado *Acontecimento, narrativas e história oficial do antigo Egito*, ocorrido em 2002, propõe aos participantes uma reflexão sobre as *escritas de si* de particulares, a partir do pressuposto de que tais relatos autobiográficos se configurariam como as matrizes de uma historiografia egípcia, produzida desde a IV dinastia (GRANDET, 2002, p. 187).

O primeiro capítulo começa por explicar como a época atual tomou conhecimento do arquivo privado de Hekanakht, um sacerdote funerário e pequeno ou médio proprietário de terras da região de Tebas, no início do Reino Médio, sob a XI dinastia. Cardoso relata o histórico desse acervo de cartas, descoberto em 1922, bem como sua primeira publicação e tradução completa em 1962, revelando seu trabalho de redesenhar os textos dos sete papiros em hieróglifos, pois o original estava em hierático⁶ – um estágio da língua conhecido como *médio egípcio* – e proporcionando minuciosos comentários gramaticais e semânticos frase a frase. Ainda na primeira parte, o segundo capítulo serve, primeiramente, para contextualizar o arquivo de Hekanakht tanto de um ponto de vista histórico-social geral quanto do tocante à sua posição na história da língua e dos textos egípcios do III milênio a.C. Cardoso procede, então, a uma crítica externa (procedência, datação) e interna desses documentos, com ênfase na tipologia interna e na organização textual.

A segunda parte se inicia no terceiro capítulo e trata-se de uma análise da casa e da família de Hekanakht, que parte de uma história local do tipo social. O referido capítulo apresenta uma discussão teórico-metodológica, destinada ao esclarecimento de suas posições a esse respeito. Com base em uma revisão historiográfica competente, ele efetua o estudo do que poderia ter sido a casa da Hekanakht, na localidade de Nebsyt, considerando sua possível estrutura funcional, uma vez que, como adverte o autor, inexistem dados arqueológicos sobre o tema. Nesse capítulo, o autor aborda ainda a composição, as características e as relações interpessoais no que concerne à família de Hekanakht.

O capítulo quatro ocupa-se do exame da economia rural familiar de Hekanakht: gestão, sentidos e questões relativas ao trabalho e à remuneração. Nessa etapa da tese, o autor debate as concepções de Barry Kemp (KEMP, 1989), cujo teor inspirou o desenvolvimento de seu trabalho:

(...) a busca de uma economia em pequena escala, privada e local, e para tratar de ver como é preciso integrá-la às correntes mais gerais que atravessavam a sociedade egípcia da época quanto aos aspectos que nós hoje chamamos de econômicos. (CARDOSO, 1987, p. 4)

No tocante ao molde acadêmico que pauta esse texto, é importante ainda explicitar as hipóteses mais importantes de trabalho que norteiam a pesquisa. Assim, o primeiro capítulo, por sua natureza, tem mais a ver com *hipóteses factográficas* do que com *hipóteses explicativas ou de construção*, para usar, segundo o autor, a linguagem de Jersy Topolski (TOPOLSKY, 1976).

Cardoso historia seus avanços no entendimento da língua egípcia em suas diversas fases e modalidades, através de dois grandes processos sucessivos, que se superpõem em parte. O primeiro ocorreu com a publicação tanto de gramáticas modernas da língua egípcia, como a de Alan Gardiner (1950) e a de Gustave Lefebvre (1955), entre outros, quanto de dicionários, como o de Raymond Faulkner (1976) para o Médio Egípcio, e o de Leonard e Barbara Lesko, para o Egípcio Tardio. Além disso, o acesso a outras obras arroladas em extensa bibliografia, segundo o autor, facilitaram seu entendimento da lógica egípcia no que concerne à construção de períodos e frases.

O autor, na sequência, exemplifica seu parecer de forma convincente e didática. Para o segundo capítulo, Cardoso enuncia três hipóteses principais:

1) *O primeiro período intermediário assistiu a uma desconcentração da riqueza, à sua pulverização regional, o que favoreceu e mesmo exigiu uma economia privada mais vigorosa do que no passado, já que o Estado provedor desaparecera ou se restringira a um figurino estreito de tipo regional, numa época de grandes dificuldades econômicas (diminuição da população, fomes ligadas ao Nilo sistematicamente baixo levando a más colheitas);*

2) *Paralelamente, deu-se uma extensão social do uso da escrita e dos textos: pela primeira vez no Egito, os modelos de correspondência e contabilidade gerados para a gestão administrativa e econômica do Estado e suas propriedades foram usados também a serviço de interesses privados;*

3) *Os processos do Primeiro Período Intermediário de que tratam as hipóteses acima se prolongaram até a fase inicial da XIIª dinastia: vigiam e atuavam, portanto, na época em que foram redigidos os documentos de Hekanakht (fim da XI dinastia), explicáveis unicamente no contexto desses processos.*

No capítulo três, duas hipóteses orientam a pesquisa:

4) *Embora não disponhamos de dados arqueológicos e descrições textuais da casa de Hekanakht em Nebsyt, posto que as residências egípcias importantes organizavam-se invariavelmente segundo uma mesma estrutura funcional, é possível deduzir, a partir de indicações indiretas dos textos e do conhecimento da mencionada estrutura funcional, a organização daquela casa segundo a tripartição: 1) setor “público”; 2) setor “privado”; 3) setor “de serviço” e anexos;*

5) *A família egípcia era invariavelmente do tipo conjugal ou nuclear. Embora a leitura dos documentos de Hekanakht sugira algo que se parece com uma família extensa, tal aparência é somente uma ilusão resultante da forma usada por Hekanakht para obter mão de obra familiar, numa fase de dificuldades econômicas e baixa população, mediante os meios de pressão que lhe dava o controle exclusivo do patrimônio da família. (Idem, p. 108)*

Para o desenvolvimento do capítulo quatro, Ciro Flamarion Cardoso organizou mais duas hipóteses:

6) *Longe de manifestar uma propensão natural de tipo psicológico à acumulação privada de riquezas, que segundo Barry Kemp seria típica de todas as sociedades a partir do Neolítico avançado, a gestão do patrimônio de Hekanakht manifesta uma propensão à acumulação de riquezas explicável a partir de estruturas econômicas e mentais que caracterizam somente uma fase com limites bem precisos no interior da história antiga do Egito: o Primeiro Período Intermediário e a primeira parte do Reino Médio (aproximadamente 2134-1878 a.C.);*

7) *Quanto à mão de obra e sua remuneração, os documentos mostram tendências contraditórias. Institucionalmente, refletem uma situação melhor dos trabalhadores do que no Reino Antigo, em função da diminuição da população e dos efeitos da revolta social que marcara o fim do Reino Antigo. Mas redigidos num ano especialmente difícil de crise agrária (má colheita, fome generalizada) apresentam uma situação conjunturalmente ruim para os trabalhadores que os papiros de Hekanakht iluminam mais diretamente, o que se nota na redução drástica de suas rações-remunerações.*

Ao finalizar a introdução, Cardoso, com o cuidado que caracteriza a realização de suas pesquisas e a elaboração de seus textos, informa ao leitor sobre as várias espécies vegetais e animais que os documentos mencionam (por exemplo, trigo, linho e animais domésticos como os bovinos, cuja espécie fica pouco esclarecida), sem, entretanto, esclarecer tais variedades.

Da página 20 à página 106, são publicados os documentos em texto hieroglífico, elaborados pelo próprio autor, com as transcrições fonéticas e tradução, como neste exemplo:

Hekanakht I: primeira carta de Hekanakht

Hekanakht II: segunda carta de Hekanakht

Hekanakht III: terceira carta de Hekanakht

Hekanakht IV: carta de uma mulher à sua mãe

Hekanakht V: registro e cálculos

Nº 1, 2, 3, 4, 5, 6

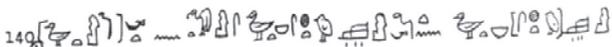
Hekanakht VI: cálculo de cereal devido a Hekanakht

Nº 1, 2.

Entre essas fontes, escolheu-se apenas, para fins de ilustração do trabalho do autor, uma missiva de tocante mensagem. Trata-se de uma correspondência dirigida à mãe da enunciativa, que inicia desejando que a carta a encontre com vida, prosperidade e saúde. A maneira de iniciar a carta indica, de antemão, tratar-se de uma jovem de boa educação ou que está sendo orientada/servida por um escriba qualificado, pois se utiliza da saudação oficial das correspondências indicativa de uma diferença social, marcada pela observação da tradição e das normas de conduta dos iniciados na vida em coletividade. A carta revela ainda a crença da jovem nos poderes da deusa Hathor, a deusa universal. Na aparência de uma vaca, ela é concebida como mãe simbólica do faraó, deusa do céu que protege, em sua barriga, o deus falcão.

Figura 1

Hekanakht IV: carta de uma mulher à sua mãe

140 
s3t dd.t(i) n mwt.s S3t-nb-shtw dd.t(i) n S3t-nb-shtw
 Uma filha fala à sua mãe, Satnebsekhetu fala a Satnebsekhetu.

141 
h3 n smdt m nd-hrt.t m 'nh wd3 snb wd3.t(w) ib.t
 Mil cumprimentos ao saudar-te com vida, prosperidade e saúde! Que tu prospere

142 
ndm snm n(.i) Hwt-Hr ib.t m rdi ib.t m-s3(.i) mt wi
 felizmente! Que Hathor te faça feliz para (mim)! Não te preocupes por (minha) causa. Olha, eu

Hekanakt IV: carta de uma mulher à sua mãe

Fonte: Hart, 1986, p. 76

Ao final da mensagem, comparece um recado a-histórico, pois faz parte do discurso dos bons filhos aos pais: “- Fica feliz. Não te preocupes por mim...”.⁷

No segundo capítulo, Cardoso “procede a um exercício de crítica histórica geral” (CARDOSO, 1993, p. 107). O contexto histórico de Hekanakht, como se sabe, é o do colapso do Reino Antigo diante da reunificação do Egito sob a XI dinastia tebana. Ao longo do capítulo, o autor distingue três categorias de documentos no arquivo em estudo, consoantes suas formas de construção: (1) cartas informais; (2) cartas formais; (3) documentos contábeis, cujas características são minuciosamente discriminadas. O capítulo encerra com a afirmação de que se trata de “testemunhos involuntários, pois uma vez lidos são amassados e atirados a uma fossa funerária” (CARDOSO, 1993), que terminam por trazer uma riqueza de informações privadas e “plebeias”.

O quarto capítulo inicia com uma importante asserção: “Achava André Leroi-Gourhan que ser humano é talvez domesticar o tempo e o espaço mais ainda do que fabricar instrumentos” (CARDOSO, 1993, p. 145). Segundo o autor, com a arquitetura é que surge a diferença entre o público e o privado. Com essa abertura, o capítulo, que vai da página 145 à página 195, além de bem fundamentado com dados, desenvolve uma costura frenética entre teoria e fatos empíricos, entre textos e imagens, tornando quase impossível sua síntese, sob pena de involuntariamente omitir do leitor tantas e tão variadas contribuições para o entendimento do Egito antigo. Assim, julgou-se oportuno convocar as próprias palavras de conclusão do autor:

Como diz Barbara Mertz, as cartas de Hekanakht constituem uma espécie de periscópio voltado para um passado longínquo e formam um quadro vívido e divertido da vida privada de uma família plebeia [...] de há quatro mil anos atrás. (CARDOSO, 1993, p. 200)

No capítulo quatro, que trata da economia rural de uma família, Ciro Flamarion Cardoso aponta como o livro mais importante sobre o tema a já citada obra de Barry Kemp, com a qual admite ter sérias divergências. Cardoso busca, nos documentos de Hekanakht, informações sobre a gestão de um patrimônio agrário privado no início do Reino Médio. Ele parte da assertiva de que Hekanakht “tinha uma noção do conjunto do seu patrimônio” (CARDOSO, 1993, p. 208), compreendendo as suas terras aráveis e a volta da casa; o gado, os grãos e o linho acumulado (e suas formas trabalhadas: pães, tecidos); e a madeira e os grãos devidos ao sacerdote funerário pelos camponeses. O autor traz, então, à discussão o conceito de propriedade, que, a seu ver, “deve ser também social e não somente jurídica. Os

maiores esforços, entretanto, foram encetados no campo das conceituações jurídicas” (CARDOSO, 1993, p. 210).

Os cálculos que levaram Ciro a pensar que Hekanakht poderia ser considerado possuidor de um patrimônio modesto, dão ainda a conhecer a forma como ele usava o trabalho dos filhos e chamava os maiores de “cultivadores funcionários” (CARDOSO, 1993, p. 219). Ele comanda os filhos com ameaças no caso de sofrer qualquer perda, dizendo, por exemplo, ao filho Mersu, administrador responsável em sua ausência: “eu conto isto contra ti [...] ele quer dizer que Mersu terá de dispensá-lo por qualquer perda” (CARDOSO, 1993, p. 221). Hekanakht viveu em uma época de crise, quando a mão de obra escasseava, mas não há “nos papiros dele traço algum de trabalho servil; nem por certo, da escravidão ou algo que se assemelhe” (CARDOSO, 1993, p. 231). E as fontes por ele deixadas são muito ricas para uma configuração das formas de trabalho e da remuneração nessa fase de exceção.

Na conclusão, Cardoso retorna à contradição, por ele já apontada, nos argumentos desenvolvidos por Barry Kemp no que concerne à fundamentação de sua hipótese sobre a presença marcante da economia privada e do mercado no Egito dos faraós. São as palavras do autor:

A nosso ver, a contradição ocorreu por não considerar o autor suficientemente a forte especificidade, na história econômico-social do Egito, do Primeiro Período Intermediário e do Reino Médio anterior às reformas centralizadoras de Senuosret III (1878-1841 a.C.). Como vimos, nessas condições únicas é que pudera excepcionalmente florescer muito mais do que em períodos anteriores ou posteriores – pequenas e médias economias privadas inseridas em circuitos de acumulação de riquezas (e, correlatamente, os mencionados aspectos avançados – relativamente – de mentalidade econômica, também passageiros). Um arquivo como o de Hekanakht, em outras palavras, traz o selo indelével dessa época muito especial, o que não deve ser negligenciado nas generalizações e comparações. (CARDOSO, 1993, p. 237)

A contribuição à historiografia do Egito antigo é imensa nessa tese, indo ao encontro do que, em 2005, Christophe Barbotin (Museu do Louvre) afirmou, ao reclassificar os escritos antigos em cinco categorias – textos memoriais, culturais, viáticos, documentários e literários –, salientando que

os primeiros estabelecem um diálogo permanente com o futuro porque pedem aos leitores que leiam as suas mensagens. Por essa razão, tais textos auxiliam, na atualidade, a melhor compreender a vida das pessoas no Egito antigo e informam sobre fatos administrativos e aspectos peculiares da sua organização social. Assim, em alguns casos de revisão historiográfica, destaca Barbotin (2006), as autobiografias aparecem como fontes históricas decisivas para a formulação de novos questionamentos sobre o passado egípcio.

Yaroslav Cerny, escritas de si, Deir el Medina

Acima temos um autor, um achado e um lugar. Tal como ensina Michel de Certeau, inexistiu uma história sem esses dados. Falta-nos saber sobre o lugar. Deir El Medina é o nome de um povoamento cóptico com uma igreja e um mosteiro situado nas cercanias de uma cidade: Djeme. A igreja foi instalada nas ruínas do templo da deusa Hathor, construído por Ptolomeu IV (221-205 a.C.). Nos tempos faraônicos, esse lugar era chamado de *pa demi*, “a vila”, embora a mais oficial das denominações para a área tenha sido “Lugar da Verdade” ou “Necropolis”, segundo Cerny. Graças ao papel desempenhado pelas areias na conservação da vila, poucos sítios arqueológicos do Egito faraônico permitem uma evocação visual tão evidente do seu passado na atualidade como Deir el Medina. Pode-se concluir que Deir el Medina foi lugar pequeno, de apenas 1 ½ ha, hoje totalmente escavado. O primeiro trabalho arqueológico ali realizado em grande escala foi dirigido por Ernesto Schiaparelli (1856-1928). As escavações mais recentes ali realizadas ficaram ao encargo do Institut Français d’Archeology Orientale, remontando seu início ao ano de 1917, sob a direção de Bernard Bruyère (1879-1971). Em 1925, juntou-se a essa equipe um filólogo de origem tcheca, Yaroslav Cerny (1898-1970).⁸

Entre os melhores livros já publicados sobre a Deir El Medina, cabe salientar **A community of workmen at Thebes in the Ramesside period**. Essa magnífica obra foi organizada e publicada por Serge Sauneron (1927-1976), após a morte de Yaroslav Cerny. Foi Cerny quem trouxe à vida e apresentou ao mundo Dhutmose, o escriba “filósofo” de Deir El Medina, famoso principalmente pelo registro que fez da história de sua família. No apêndice dessa obra, Yaroslav Cerny inicia a narrativa sobre uma família de escribas da tumba com as seguintes palavras:

Em um grafite escrito com a ponta de um cinzel sobre uma rocha da montanha de Tebas o escriba real Dhutmose deixou uma indicação inestimável dos nomes de três de seus ancestrais:

(1) ano 18, primeiro mês da estação de inverno, dia 18.

(2) o escriba do Rei da hn Dhutmose, filho de

(3) o escriba rei Khaemhedje, filho do escriba do rei Harshire, filho de

(4) o escriba do rei da hn Amenenkhte (Graffito 1109). Thebes. (SAUNERON; CERNY, 1973, p. 339-383)

O fundamental desse registro é justamente a constatação da dimensão social dessa memória individual relatada pelo escriba antigo. Indubitavelmente, Dhutmose escrevia na pedra porque esse era seu ofício, mas também porque lhe aprazia registrar a memória coletiva de Deir El Medina sobre sua família. Seus escritos celebram o cotidiano agreste, o deserto tórrido do Saara, a rememoração e o convívio social em família e na sua comunidade (HALBWACHS, 1990).

Dhutmose jamais poderia imaginar que os seus rabiscos seriam lidos, traduzidos e dotados de sentido por Cerny, renomado egiptólogo da República Tcheca, com qualidades pessoais e profissionais até hoje inigualáveis. Fascinado com sua descoberta, Cerny passou a pesquisar a abundante documentação em hieróglifo e hierático deixada pelas quatro pessoas nomeadas por Dhutmose, que ele sabia serem todas escribas da Tumba. O pesquisador descobriu ainda que o filho de Dhutmose, Butehamun, e seu neto, Ankhefenamun, também foram escribas da Tumba. No decorrer da Dinastia 20, em uma carta de Dhutmose ao filho Bakenmut e à sua equipe de funcionários – da Necropolis – ele pedia ajuda, roupas, comida, desejava vida, prosperidade e saúde e concluía: “Estou vivo hoje; amanhã está nas mãos de deus”.

O segundo elo entre Jaroslav Cerny e Ciro Flamarion Cardoso foi a dedicação deles de muito tempo de suas vidas ao trabalho de tradução e transliteração das escritas do antigo Egito no período em que se misturavam as grafias hieroglífica e hierática, principalmente, com a criação de novos termos e de uma complexa gramática. Cabe salientar ainda que ambos foram ótimos mestres, mormente particulares, dos interessados sobre esses registros. Por isso, pela generosidade deles, vale terminar com um muito obrigada!

Referências bibliográficas

BAKOS, M. M. Hekanakht: pujaça passageira do Privado no Egito antigo. In: ARAÚJO, S. R. de; LIMA, A. C. C. (Orgs.) **Um combatente pela História**: professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012.

BAKOS, M. M. Cartas veladas pelas areias. In: BAKOS, M. M. *et al.* **Diálogos com o mundo faraônico**. Rio Grande: FURG, 2010.

_____. A história e a cultura a partir de documentos. **Boletim do CPA**, Campinas, v. 17, p. 233-234, 2005.

_____. **Correspondências de Deir el Medina**: a vida cotidiana no tempo de Dhutmose: (±1085-1070 a.C.). Projeto de pesquisa – CNPq.

BARBOTIN, C. **La voix des hiéroglyphes**. Paris: Institute Khéops, 2006.

CARDOSO, C. **Hekanakht**: pujaça passageira do privado no Egito antigo. Tese apresentada como parte dos requisitos do concurso para professor titular de História Antiga e Medieval. Niterói, 1993.

_____. **Uma interpretação das estruturas econômicas do Egito faraônico** (3000-332 a.C.). (Tese – concurso para professor titular) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro 1987.

CERNY, Jaroslav. **The contribution of the study of unofficial and private documents to the History of Pharaonic Egypt**. Roma: Centro di studi semitici, Instituto del Vicino Oriente, 1967.

GRANDET, P. L'historiographie égyptienne (auto) biographie des rois? In: GRIMAL, N. ; BAUD, M. **Colloque du Colège de France**, amphithéâtre Marguerite-de Navarre, 24-25 juin 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

IZIDRO, D. F. **Epistolografia antiga e cristã primitiva literatura epistolar greco-romana e cristã primitiva**. 2011. Disponível em: <http://dfizidro.blogspot.com.br/2011/12/epistolografia-no-mundo-antigo-e-no.html>. Acesso em: fevereiro de 2015.

KEMP, B. J. **Ancient Egypt**: anatomy of a civilization. London-New York: Routledge, 1989.

LEFEBVRE, G. **Grammaire de l'égyptien classique**. Le Caire: Institut Français d'Arqueologie Orientale, 1955.

ROCCATI, A. O escriba. In: DONADONI, A. **O homem egípcio**. Lisboa: Presença, 1994.

Agradecimentos

Agradeço o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), que, através da Bolsa Produtividade, oportunizou a tradução e a transliteração de um conjunto de missivas enviadas e recebidas pelo escriba Dhutmose, seus familiares e seus contemporâneos da Vila de Deir El Medina, durante o reinado de Ramsés XI (±1085-1070 a.C.). Agradeço ainda a oportunidade de pesquisar atualmente sobre a obra de Jaroslav Cerny.

Notas

¹ **Um combatente pela História: professor Ciro Flamarion Cardoso**, organizado por Sônia Regina Rebel de Araújo e Alexandre Carneiro Cerqueira de Lima. Alguns fragmentos deste artigo foram transcritos do capítulo publicado.

² Ver a respeito em: **Escritas de si, visão de mundo e cotidiano em Deir el Medina (Novo Reino)**, de Margaret Bakos (no prelo).

³ Esse exemplo já foi objeto de meu interesse e foi apresentado em um evento. Ver *A história e a cultura a partir de documentos*, de Margaret Bakos (ver **Referências bibliográficas**).

⁴ Causou estranheza à banca, em uma defesa de tese de doutorado sobre o Egito antigo, no estado do Rio de Janeiro, a ausência de referência a autor brasileiro sobre o tema da pesquisa em questão. Arguido, o doutorando silenciou as razões do silêncio.

⁵ Uma versão original desse texto está publicada no livro organizado por Sonia Rebel Araujo e Alexandre Cerqueira Lima.

⁶ Hierático foi a segunda escrita inventada pelos egípcios antigos, cerca de uma centena de anos a partir dos hieróglifos, que se tornou a mais popular, talvez por ser cursiva e pela facilidade de ser registrada de forma mais rápida com pinceladas de tinta.

⁷ Considero importante a transcrição dessa carta tal como está no capítulo, porque demonstra o pensamento de Cardoso de valorização dos fatos da vida individual e psicológica da personagem histórica, além dos fatos econômicos.

⁸ Tirando algumas interrupções, ainda hoje permanecem em curso. Esse trabalho intermitente tem se encarregado de desvelar a aldeia dos trabalhadores adjacentes à necrópole (BAYNES, 1996, p. 28-29).